

# ASPECTOS DA CIÊNCIA E RELIGIÃO DE GOETHE NA CONCEPÇÃO DE DESTINO D'OS ANOS DE APRENDIZADO DE WILHELM MEISTER

Marco Antônio A. Clímaco (UNICAMP)<sup>1</sup>

**Resumo:** *Obra inaugural e paradigmática do Bildungsroman, Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister encarnam com clarividência insuperada o dilema existencial da autonomia individual em face da crença num destino benévolo agindo em secreta consonância com as inclinações inatas do indivíduo. O artigo pretende lançar luz a pressupostos científicos e religiosos de Goethe que presidem à elaboração ficcional deste dilema, evidenciando expedientes narrativos e simbólicos com que o poeta alemão equaciona, no percurso de formação de seu 'herói', os dispositivos ligados à confiança e à desconfiança indispensáveis à realização das aspirações humanas fundamentais.*

**Palavras-chave:** *Goethe; Bildungsroman; destino; polaridade e intensificação.*

De 'livro mais sedento de realidade de toda a literatura mundial' a obra eivada de 'artificialidades e inessencialidades' que 'frequentemente provocam revolta ou mesmo tédio ao leitor contemporâneo', os *Anos de aprendizado de Wilhelm Meister* sem dúvida encerram qualquer coisa de conspicuamente contraditório, qualquer coisa que se reflete no fabuloso histórico de controvérsias e de juízos díspares e desencontrados que desde seu surgimento pontuou sua recepção crítica. Nem a longevidade de sua herança nem a relevância de seus descendentes – entre os quais

---

<sup>1</sup> Doutor em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP. E-mail: [marcoantonio.climaco@gmail.com](mailto:marcoantonio.climaco@gmail.com).

se conta o autor da primeira afirmação, Gottfried Keller – chegaram para intimidar o autor da segunda a cravar sem rodeios: “francamente, quem hoje lê Meister com prazer e proveito do início ao fim?” (Fontanella s.d.: 51).

Principal baluarte dessa galeria de ‘artificialidades e inessencialidades’, a ‘Sociedade da Torre’ vem provocando reservas e desconforto não apenas por sua inverossimilhança, mas pela conduta moral pouco recomendável de seus líderes (“De fato, a um observador imparcial não será fácil formular um juízo positivo a respeito do círculo em torno de Lothario e do Abade” (Hahn 1978: 157))<sup>2</sup> e o papel equívoco que desempenha na formação de Wilhelm Meister: “A admissão de Wilhelm Meister na Sociedade da Torre é, assim observada, menos um ato de livre decisão da vontade, que muito mais um processo inevitável, para cuja realização se fez todavia necessária de sua parte uma compensação prévia” (Hahn 1978: 161).<sup>3</sup>

Mas a se observar bem, essa contradição que parece saturar todo o romance já não se encontra condensada naquela carta em que Meister se capacita e presta contas, para o amigo Werner, dos anseios fundamentais que animam seu percurso de formação, reunindo num só feixe de aspirações o anelo supremo de autonomia individual<sup>4</sup> e a inclinação irresistível pela formação harmônica e o anseio de totalidade, que Meister lhes sabia recusados pelo seu nascimento burguês?

Mais ainda de estranhar será a maneira pela qual Wilhelm intenta proceder a este aprofundamento da autonomia individual que lhe faculta a tão almejada formação harmônica da personalidade: a confiança amorosa e incondicional no destino concebido como um “poder que nos governe e tudo conduza para o nosso bem”, indiferente aos propósitos e avisos individuais, muito embora agindo em secreta consonância com os seus mais caros desideratos e inclinações: “E não devo honrar o destino que, sem a minha intervenção, me conduziu até aqui, a satisfazer todos os meus desejos? Não se está cumprindo neste momento tudo quanto outrora elaborei e concebi, por pura obra do acaso e sem qualquer colaboração de minha parte?” (Goethe 2009: 272).

A mesma contradição também já se acusa naquela inovação que a obra de Goethe teria introduzido na galeria dos gêneros literários, alavancando o *Bildungsroman* à condição de ‘mais importante contribuição alemã à história do romance ocidental’, a qual consistiria, na definição de Marcus Mazzari, em ter sido a “primeira grande tentativa de retratar e discutir a sociedade de seu tempo de maneira global, colocando no centro do romance a questão da *formação* do indivíduo, do desenvolvimento de suas potencialidades sob condições históricas concretas”. (Mazzari 2009: 7-8).

Afinal, por que razão haveria de figurar a questão da formação do indivíduo no centro de um inédito ‘retrato global da sociedade’? Quando enuncia seu ‘programa de formação individual’, na carta já mencionada ao amigo Werner,

<sup>2</sup> “Tatsächlich wird es dem unbefangenen Beobachter nicht leicht gemacht, ein positives Urteil über jenen Zirkel um Lothario und den Abbé zu formulieren”.

<sup>3</sup> “Wilhelm Meister Aufnahme in die Turmgesellschaft ist, so betrachtet, weniger ein Akt freier Willensentscheidung vielmehr ein unausweichlicher Vorgang, den zu realisieren es dennoch einer Vorleistung von seiner Seite aus bedurfte”.

<sup>4</sup> “instruir-me a mim mesmo, tal como sou, tem sido obscuramente meu desejo e minha intenção, desde a infância” (Goethe 2009: 284).

Wilhelm Meister é taxativo em afirmar que “se algum dia alguma coisa irá modificar-se [na constituição da sociedade], e o que se modificará, importa-me bem pouco; em suma, tenho de pensar em mim mesmo tal como estão agora as coisas, e no modo como hei de salvar a mim mesmo e conseguir o que para mim é uma necessidade indispensável” (Goethe 2009: 286).

Mas por trás desta aparente hipertrofia individualista em sua indiferença ostensiva aos reclamos e imperativos sociais, o programa de formação de Wilhelm Meister aponta para um horizonte bem distinto; neste, a confiança no poder inato de auto-formação da personalidade, agindo em consonância secreta com o destino, não passa de um estágio preliminar e uma condição necessária para que o indivíduo chegue a compenetrar-se inequivocamente de seus próprios limites; ao passo que a ostensiva indiferença social acaba por reverter-se no recrudescimento da consciência do caráter de *necessidade* da constituição da sociedade, necessidade esta elevada no romance ao status de ‘base da existência’.

É importante desde logo notar como a recusa de Wilhelm Meister por sequer levar em conta as possíveis transformações da estrutura social se exime cuidadosamente de qualquer repúdio, censura ou descontentamento que pudessem dar guarida a uma índole combativa ou transgressora: a total autonomia individual encontra aqui a sua contrapartida exata – e também o seu contrapeso e seu fator de limitação – na total autonomia concedida à dinâmica do organismo social. Aquele ‘equilíbrio entre indivíduo e sociedade’ que parte da crítica pensou reconhecer como alvo do conceito de formação posto em cena no *Wilhelm Meister*<sup>5</sup>, não chegará a ser corretamente compreendido a menos que este equilíbrio possa ser reconhecido como resultado de uma radical e inequívoca diferenciação preliminar; e esta, por sua vez, como corolário de uma autonomia individual que somente pode prevalecer sob a égide desta espécie de imunidade que não consente em lançar na conta da sociedade qualquer parcela da causa de sua insatisfação pessoal.

Como ainda teremos ocasião de evidenciar no correr deste artigo, o princípio mais geral em que se apoia e pelo qual se orienta esta espécie peculiar de relação entre indivíduo e sociedade, da maneira como Goethe a desenrola no enredo do romance, deve ser buscado entre as mais caras convicções e concepções do poeta: por um lado, no âmbito das suas concepções científicas, através dos conceitos complementares da *polaridade* e *intensificação*, cuja dinâmica e atuação recíproca “só é capaz de pensá-lo aquele que tenha separado o bastante para poder logo reunir, e reunido o bastante pra poder de novo separar” (Goethe 1997: 243). E esta, a seu turno, remontando a uma concepção talvez ainda mais profunda, de extração religiosa, segundo a qual “A polaridade tem sua origem em Deus ele mesmo. A criação divina do mundo deve estar sob a lei da contradição”<sup>6</sup> (Wachsmuth 1966:

<sup>5</sup> “E a despeito de todo ceticismo revolucionário, Goethe permanece sempre na vizinhança de um tal modelo argumentativo, quando em seu ‘Bildungsroman’ *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* faz valer um conceito de formação pronunciadamente evolutivo, que tem como alvo o equilíbrio entre indivíduo e sociedade”. “Und ungeachtet aller Revolutionsskepsis bleibt Goethe doch in der Nähe eines solchen Argumentationsmodells, wenn er im Bildungsroman *Wilhelm Meister Lehrjahre* ein betont evolutionäres Bildungskonzept zur Geltung bringt, das den Ausgleich von Individuum und Gesellschaft zum Ziel hat” (Sauder und Richter 1992: 97)

<sup>6</sup> “Die Polarität hat ihren Ursprung in Gott selbst. Göttliche Welterschöpfung muß unter dem Gesetz des Widerspruches stehen”.



120). Ou ainda noutra formulação similar: “O divino ‘impulso de produção’, do qual resultou um mundo, criou um todo a partir de tensões polares” (Wachsmuth 1966: 121).<sup>7</sup>

Estas afirmações, Andreas Wachsmuth as faz a propósito das considerações que Goethe tece ao final do Livro VIII de *Dichtung und Wahrheit* sobre o intenso interesse que ‘lhe inspiravam as coisas supersensíveis’ pelo tempo em que passou em casa para se restabelecer da enfermidade que interrompera seus estudos em Leipzig, antes que os retomasse em Estrasburgo. Da passagem com que Goethe arremata estas considerações, Wachsmuth extrai o título e os pressupostos principais para o ensaio que escreve a respeito, designando esta passagem ‘a passagem-enigma’ (*die Rätselstelle*) na Autobiografia do poeta alemão:

Mas é suficiente reconhecer que nos encontramos numa situação que, embora parecendo rebaixar-nos e esmagar-nos, nos incita e nos obriga mesmo a elevar-nos e cumprir os desígnios da Divindade, sem nos esquecermos, muito embora forçados, por um lado, a encerrar-nos no nosso eu, de nos desprender dele, por outro, mediante uma atividade regular. (Goethe 1986: 273).

De posse destes princípios e pressupostos, já não será tão fácil desconcertarmo-nos ao ver como no transcurso do romance estes dois movimentos – de aprofundamento das próprias inclinações e diferenciação radical da estrutura social, por um lado, e de paulatina inserção nesta mesma estrutura e ‘desprendimento do próprio eu’, por outro – operam-se menos alternada que concomitantemente, polarizando-se e mutuamente intensificando-se até a sua solução final. Se quisermos compreender esta possibilidade partindo da constituição da personalidade de Wilhelm Meister, a chave pode ser encontrada naquela caracterização que Aurelie faz dela a certa altura do livro, descrevendo o amigo como ‘o primeiro menino nascido adulto da criação’ (Goethe 2009: 255).

Será preciso então nos darmos conta de como Wilhelm Meister cumpre um itinerário de desditas, as quais lhe acumulam de desenganos, mas que esta mesma inocência de ‘primeiro menino nascido adulto na criação’ impede que sejam inequivocamente atribuídas, quer à ‘sociedade’ ou às circunstâncias externas, quer a si próprio. O desprendimento e magnanimidade, as mais das vezes irrefletidos, com que Meister se lança às suas aventuras e empreendimentos e lhes franqueia o acesso a terceiros, quase nunca são condignamente recompensados pelos companheiros, malogrando à custa de seu estouvamento, indolência ou vileza; mas tampouco pode Meister se eximir de proceder ele mesmo de maneira amiúde estouvada e precipitada, sendo com isso obrigado a reconhecer, mau grado seu, a parte que lhe cabe – não raro a principal – no fracasso de projetos que viu sucumbir pelas mãos e a inépcia alheias.

O resultado disso não soe ser outro, senão aquela intensificação recíproca de princípios polares, a que já nos referimos há pouco como sendo o fundamento último

<sup>7</sup> “Der göttliche “Produktionstrieb”, aus dem eine Welt hervorgegangen war, hatte ein All der polaren Spannungen geschaffen”.

das convicções científicas e religiosas de Goethe: se por um lado Wilhelm Meister aprende com os seus erros e seu destino – e com eles aprende por não se poder furtar à responsabilidade que lhe toca por suas desditas –, adquirindo uma confiança crescente na condução paternal do destino e na sorte imerecida que lhe advém de sua ‘boa estrela’; por outro lado desenvolve em idêntica proporção a desconfiança e a suspeita para com esta submissão amorosa e filial ao destino, naquilo que ela trai e supõe justamente a sua inadvertência para com os desígnios do destino e o desconhecimento – pressuposto de qualquer sorte imerecida – das causas e objetivos por ele perseguidos.

Não por acaso, o momento da narrativa em que Wilhelm se capacita desta contradição, em que ela por assim dizer se lhe escancara, toma seu ensejo à notícia da *morte do pai* – e portanto de uma ocorrência inesperada que o leva a questionar o próprio estatuto de sua relação com o mundo exterior, os pressupostos da confiança que até aí depositara em si mesmo e numa instância exterior e ‘superior’, na medida em que sucedia a estas confianças confundirem-se e irrefletidamente reforçarem-se, e que agora a situação experimentada pela morte do pai faz com que se delimitem melhor em sua dinâmica recíproca e sejam vistas a uma luz mais equilibrada:

Wilhelm Meister se via livre num momento em que ainda não havia acabado de se pôr em harmonia consigo mesmo. Seus pensamentos eram nobres, suas intenções sinceras e não pareciam condenáveis seus propósitos. Tudo isso ele próprio podia reconhecer com uma certa confiança; só que tivera ocasiões bastantes de perceber que carecia de experiência, daí por que atribuía um valor excessivo à experiência alheia e aos resultados dela derivados, o que vinha sempre dar em erro. (Goethe 2009: 279-80).

É sobre o pano de fundo deste recrudescimento concomitante e recíproco da confiança e da desconfiança de Wilhelm Meister nos cuidados dispensados pelo destino à realização de suas ‘nobres e sinceras’ disposições inatas, que se insere a ‘Sociedade da Torre’, enquanto criação literária concebida para aprofundar e potencializar estas relações do protagonista com o destino. A confiança, inevitavelmente precária e vacilante, para com esta entidade imponderável que é o destino se transfere à alçada de uma organização secreta aparentemente vocacionada a tomar sobre si as responsabilidades e prerrogativas do destino, e cujos enigmáticos desígnios vão-se descobrindo somente a pouco e pouco para Meister ao longo de sua trajetória.

Ao mesmo tempo, além desse caráter enigmático e esquivo com que a Sociedade da Torre parece querer simular a atuação do destino, Goethe procede aqui com esmerada premeditação à escolha dos traços de caráter dos seus membros e dirigentes, com o intuito claro de fazer incidir sobre a sua conduta algo mais do que a incerteza inspirada por seus secretos desígnios, algo que somente a custo se mantém nos limites da suspeita para com os seus métodos e a desconfiança em sua idoneidade, e não descamba para a positiva recriminação. Este é o caso sobretudo de Jarno, que virá a ter o papel mais decisivo para a formação de Meister e que mais estreitamente se ligará a ele dentre os membros da Torre, tendo-lhe estimulado à

leitura de Shakespeare e mais tarde servido como que de intérprete às dúvidas e perplexidades de Meister para com os desígnios da Sociedade<sup>8</sup>.

Quando Wilhelm parte, ainda sem ter ciência do que o aguardava, na jornada que o conduziria aos domínios da Sociedade da Torre, sua trajetória pregressa e seu apaixonado empreendimento teatral acabavam de atingir um (anti) clímax; numa breve viagem que fizera para se inteirar do estado do Harpista, veio a descobrir inopinadamente as conseqüências funestas de seu rapidíssimo *entretien* com a Condessa, ao qual se deixara enredar como se numa brincadeira inocente e um tanto contra a vontade, mas na qual tomou parte com secreto interesse e mal-disfarçada cupidez<sup>9</sup>.

De regresso, se apercebe de como Serlo e Melina se aproveitaram de sua ausência para paulatinamente transformar o teatro numa ópera, pondo de lado os “ideais pedantes de Wilhelm, (...) sua arrogante pretensão de educar o público, ao invés de se deixar educar por ele” (Goethe 2009: 341), e destarte abrindo caminho para o estabelecimento de um lucrativo negócio. Por fim, foi obrigado a assistir (no duplo sentido da palavra) a rápida deterioração e morte de Aurelie, “a única pessoa que lhe queria verdadeiramente bem” (Goethe 2009: 344).

Desse modo, Wilhelm parte carregando sobejos motivos de desilusão e desengano, acima de tudo para com sua irremediável e recidiva tendência de agir segundo os ‘nobres e sinceros’ impulsos de seu coração, de confiar ao alvitre alheio a realização de seus desígnios com irrefletida prodigalidade, ou de confiar ele próprio seu destino às veleidades e humores de indivíduos supostamente proeminentes. A embaixada que lhe dá motivos para se afastar do cenário de tão grandes infortúnios e frustrações, já contém em si o germe e todos os requisitos necessários à adoção de um modo de vida entregue à tutela de propósitos mais conscientes e submetidos a madura reflexão, ao abrigo da excessiva confiança que até aí dispensara à sua vocação para ‘educar os homens e se deixar por eles educar’.

E embora vá em direção ao local onde este modo de vida lhe aguarda e está reservado, sua viagem não passa por ora de um *intermezzo*, de uma incumbência alheia (o último desejo de Aurelie) e um pretexto para se afastar provisória e oportunamente do palco de suas desditas, e finalmente de uma missão na qual ele deposita todo o ardor e pureza de seu nobre coração, como se por meio dela pudesse não apenas fazer justiça póstuma a Aurelie, como se ressarcir de todos os seus males, levar a bom termo e dar um desfecho honroso ao seu desatino e entoar-lhe um canto

<sup>8</sup> Wilhelm tomara Jarno, pelo tempo da temporada de sua trupe no castelo do Conde, como um recrutador de soldados a serviço de um oficial de cavalaria (Livro III, capítulo 11), e as suspeitas que então nutriu a respeito de um incidente passado com um dos membros da trupe foram incidir sobre Jarno, levando Wilhelm a “reconhecer ali [em Jarno] um coração totalmente corrompido (...)” (Goethe 2009: 197).

<sup>9</sup> Wilhelm se deixara persuadir pela Baronesa, amiga da Condessa, a aproveitar-se de uma ausência do Conde e fazer-se passar pelo mesmo para, nos próprios aposentos do casal, deixar-se surpreender pela Condessa nos trajes caseiros do marido. O retorno antecipado deste de uma caçada fá-lo deparar-se com este seu ‘sósia’ sentado em sua poltrona e metido em suas próprias roupas, cuja imagem, vista de relance no reflexo do espelho, lhe faz pensar tratar-se de seu próprio fantasma, desencadeando no pobre homem obscuros presságios (instigados por crenças correntes à época) a respeito de sua morte iminente e terminando por selar sua conversão à seita dos irmãos Hernutos.



de cisne<sup>10</sup>. Nem bem encetara sua viagem, como fosse surpreendido pela visão de um arco-íris que o sol descortinara sobre o fundo cinza de uma tempestade, Wilhelm prontamente reencontrou aí o ensejo para preludiar – agora em tons elegíacos e quase como num réquiem – o seu tema favorito e incontornável da *tendência inata do coração*:

– Ah! – dizia a si mesmo – Por que as mais belas cores da vida só nos aparecem sobre um fundo sombrio? E por que haveremos de verter lágrimas para nos sentirmos arrebatados? Um dia alegre é como um dia sombrio, quando o contemplamos impassível, e o que pode comover-nos senão a tácita esperança de que a tendência inata de nosso coração não ficará sem objeto? (Goethe 2009: 405).

Desse modo, o momento da narrativa em que Wilhelm deixa definitivamente para trás (embora ainda sem sabê-lo) seu duradouro noivado com o teatro e se prepara para ser introduzido no círculo que decidirá de seu futuro, traduz com exatidão, para o plano literário, a dinâmica do princípio científico goethiano da *polaridade e intensificação*: tendo-se, com efeito, o desengano de Wilhelm para com a sociedade e para consigo mesmo atingido o ápice, na esteira das desastrosas consequências de sua confiança imoderada nas virtudes inatas da própria personalidade; tendo com isso experimentado a máxima diferenciação e *polarização* entre indivíduo e sociedade, uma vez que da indistinção com que cumulava um e outra de sua confiança, confundindo-os como que num mesmo objeto, resultaram as tais consequências desastrosas;

Eis que agora, neste momento de máxima polarização, este princípio supremo das virtudes e tendências inatas pode ser experimentado em toda sua pureza, desvinculado e desamparado de toda e qualquer eficácia prática passada ou futura, e desse modo reduzido a si mesmo, *intensificado* portanto, e como tal convertido numa pura esperança sem objeto, numa ‘*tácita* esperança de que a tendência inata de nosso coração não ficará sem objeto’. Intensificado, outrossim, na exata medida em que, enquanto uma disposição *inata* do indivíduo, pode pela primeira vez ser experimentado em sua inexorável e imperiosa dissociação de tudo quanto uma vez a ligara à sociedade e ao ‘mundo exterior’.

Isto quanto ao indivíduo; porquanto também a sociedade, neste processo de polarização máxima, experimentará por sua vez e a seu modo semelhante intensificação. Tal como aquela por que passa a individualidade de Meister, ela também se encontra neste momento em estado de pura potência ou latência, e é forçoso que Wilhelm nada saiba a seu respeito, nem mesmo do modo apenas ‘*tácito*’ e prenhe de pressentimentos por que se apercebe agora de suas próprias potencialidades.

<sup>10</sup> Sem conhecer o destinatário da carta (Lothario) que Aurelie lhe incumbira de entregar, Meister se prontificou a pronunciar sobre ele ‘um severo juízo’, e neste deu largas à sua natureza preceptiva e ao ‘furor pedagógico’ que acabara tão dolorosamente de reconhecer e carpir, cuidando não apenas de redigir um discurso para não precisar ‘se fiar na inspiração eventual do momento’, como de diligentemente decorá-lo, embora o discurso lhe tenha saído ‘mais patético que razoável’ (Goethe 2009: 345).

Sem embargo, ela já se encontra disposta e jaz-lhe preparada, e tanto mais preparada quanto mais impossível é para Meister fazer uma ideia justa, e a rigor fazer qualquer ideia a seu respeito. É para atingir este efeito tanto mais em pleno que Goethe empresta a Wilhelm Meister a pior das predisposições com respeito a Lothario, este homem a quem desconhece inteiramente e responsabiliza pela morte da amiga, aprestando-se para 'encher de vergonha o cruel amigo', e esmerando-se em preparar o melhor que pode o seu discurso recriminatório para 'cumprir sua triste missão' (Goethe 2009: 406).

Quando já não se encontrava longe do castelo de Lothario, Wilhelm vê aproximar-se um andarilho que regula o passo pelo de sua montaria e com ele entabula conversa; outro não é, como ambos logo se dão conta, senão aquele homem que tomara improvisadamente parte no passeio náutico da trupe de Wilhelm, e com este travara uma conversação cheia de significado a respeito do destino. Se nesta ocasião, o desconhecido (que Wilhelm toma por um pároco) tivera ensejo de contestar a autossuficiência da *disposição natural*, do *gênio* e do *destino*, que Wilhelm advogava para a realização dos mais elevados objetivos e desígnios que o indivíduo espera auferir de sua formação<sup>11</sup>; se ali já o fizera concedendo 'o maior respeito à sabedoria do destino' e às prerrogativas do gênio e da disposição natural enquanto 'princípio e fim', não obstante reclamando a importância decisiva da educação como mediador entre ambos, a insuficiência do gênio perante as circunstâncias que envolvem sua evolução e desabrochar, e a primazia do 'julgamento de um mestre humano' sobre a preceptoria do destino, 'excelente mas oneroso';

Agora é a vez do pároco aplacar a desilusão e desalento de Wilhelm para com os efeitos de sua incondicional filiação à tutela destes preceptores (o destino, o gênio e a disposição natural) sobre o caminho trilhado até aí, que Wilhelm deplora nestes termos, respondendo a pergunta do pároco sobre sua companhia teatral e o tempo que passou com ela: " - Mais que o razoável; infelizmente, quando penso no tempo em que passei com ela, creio ver um vazio sem fim; não me restou nada de tudo aquilo." (Goethe 2009: 406).

Mas se dessa vez é o pároco quem, invertendo os papéis, toma a defesa do destino e assevera a importância de '*tudo* o que nos acontece' para a nossa formação (como contrapartida ao *vazio sem fim* que Wilhelm pensa agora surpreender nela), ele ao mesmo tempo o faz com a expressa ressalva quanto ao 'perigo que há em querer se prestar contas disso'. Assim fazendo, procura reabilitar a confiança de Wilhelm no próprio destino, mas de tal modo que esta confiança não deva absolutamente nada à consideração de êxitos e fracassos passados e de quanto se espere devassar do futuro a fim de moldá-lo a partir de tais considerações:

<sup>11</sup> " - Ora - replicou Wilhelm -, uma feliz disposição natural, na qualidade de princípio e fim, não haveria de conduzir a tão elevado objetivo não só um ator, mas qualquer artista, ou mesmo qualquer ser humano?" (Goethe 2009: 127); " - Mas o gênio - replicou Wilhelm - não há de se salvar a si mesmo, não há de curar sozinho as feridas que ele próprio se infligiu?" (Goethe 2009:127); " - É bem possível que seja verdade - disse Wilhelm -, pois todo homem é limitado demais para querer educar o outro à sua própria imagem. Felizes aqueles de quem se encarrega o destino, que a todos educa à sua maneira!". São estas as três colocações de Wilhelm Meister que o desconhecido se propõe esclarecer e 'corrigir'.



Nisso o senhor se engana; tudo que nos acontece deixa-nos rastros, tudo contribui, ainda que de maneira imperceptível, para nossa formação; é perigoso, no entanto, querer prestar-se contas disso. Pois ou nos tornamos orgulhosos e negligentes, ou abatidos e desalentados, e tanto um quanto outro é embaraçoso demais para o futuro. O mais seguro consiste sempre em fazer o mais imediato, o que está à nossa frente (...) (Goethe 2009: 406).

Trata-se aqui da mesma intensificação e depuração das virtudes inatas do coração, que Wilhelm precisou primeiro, à custa de desilusão e desengano, arrebatado à sua confusão com uma confiança ingênua na sociedade e no mundo exterior, antes que o pároco as pudesse encontrar em condições de subtraí-las a tais sentimentos e orientá-las para a atenção dedicada ao 'imediato' e 'ao que está à nossa frente'; àquele ponto, portanto, em que a polaridade entre indivíduo e mundo exterior se deve já não a relações progressas desgastadas e desacreditadas, senão que à absoluta *ausência* de qualquer relação progressa, de maneira que já se possa fechar o circuito de ligações e desligamentos que Goethe faz presidir à compreensão dos seus conceitos da *polaridade* e *intensificação*: 'ligar o bastante para poder de novo separar, e separar o bastante para poder logo reunir'.

A este ponto, do 'separar o bastante para poder logo reunir', a intervenção pedagógica do pároco logra conduzir Wilhelm, separando-o o bastante de todo vínculo anteriormente formado que pudesse condicionar sua relação com o mundo exterior, mas cuidando ao mesmo tempo de subtrair a esta separação o aguilhão do ressentimento e do remorso, para que não depare qualquer obstáculo que o impeça de outra vez 'poder logo reunir'.

Se atentarmos melhor nas características que reveste esta intervenção pedagógica, pela qual o pároco pretende restituir ao destino (a 'tudo o que nos acontece') uma importância indiscriminada para a formação humana, com a condição de que não se queira submetê-lo a escrutínio e aos próprios desígnios, não será difícil encontrarmos aí um significativo paralelo com a conduta do 'Altíssimo' perante Mefistófeles, que com ele regateia a ascendência sobre a alma de Fausto, no *Prólogo no Céu ao Fausto I*. Também o Altíssimo trata de aplacar as pretensões de Mefisto sobre a alma de Fausto, proferindo o veredito que vale como um salvo-conduto para o 'homem de bem' em meio às tribulações do mundo e tentações do diabo: "Mas, vem [Mefisto], depois, confuso confessar / Que o homem de bem, na aspiração que, obscura, o anima, / Da trilha certa se acha sempre a par". (Goethe 2004: 55, vv. 327-29, grifo meu).

Mas se nem toda a cupidez do diabo pela alma humana pode afastá-la da trilha certa de que uma aspiração confusa a mantém sempre a par – ou para dizê-lo na dicção do pároco, se não pode impedi-la de reconhecer o contributo imperceptível de tudo o que nos acontece para a nossa formação –, o Altíssimo fará constar aqui a mesma condição, que vincula a eficácia dessa confiança na atuação do destino à circunstância de que ela não se abalance a prestar-se contas de si mesma, isto é, que não se deixe aliciar e sequestrar por uma *aspiração* que se arrogue submeter o destino aos seus próprios caprichos e desígnios. Com efeito, dirá o Altíssimo em abono às

pretensões de Mefisto: “Enquanto embaixo ele [Fausto] respira, / Nada te vedo nesse assunto; *Erra o homem enquanto a algo aspira*” (Goethe 2004: vv. 315-17, grifo meu).<sup>12</sup>

Destarte, Wilhelm Meister se acha pronto para seu ingresso no círculo da Sociedade da Torre, embora não ainda para sua admissão oficial ao seio desta Sociedade. Reconciliado com a ‘aspiração obscura que o anima’ e a tendência inata de seu coração, mercê dos conselhos do pároco e a tutela consentida do momento presente (o ‘imediato que está à nossa frente’), encontra-se ademais (e não obstante isso) prevenido contra qualquer nova aspiração conscientemente acalentada, graças à imagem extremamente negativa que leva consigo a respeito de Lothario.

Tão logo se vê na presença de seu novo anfitrião, Wilhelm não tarda a perceber que “a presença de Lothario lhe inspirava sentimentos totalmente diversos” (Goethe 2009: 408) daqueles que levava consigo. Mas uma série de inesperados incidentes – entre eles a descoberta de Wilhelm de que Lothario era irmão da Condessa – são entremeados à trama narrativa e organizados de tal modo que a inserção de Wilhelm neste novo círculo não lhe consentia ainda em acalentar e dar guarida a qualquer aspiração concreta e definida. Antes que tal coisa pudesse dar-se, Wilhelm vê-se encarregado de ‘prestar um favor’ àqueles homens, do qual depende o restabelecimento de Lothario de um grave ferimento, e pelo qual sua participação nos ‘negócios’ da Torre e na esfera privada de seus membros parece querer ser-lhe franqueada.

Por intermédio e com o recurso a esta ‘missão’, a qual Wilhelm desempenha ‘resignadamente, ainda que com sacrifício de seus próprios sentimentos’, a obra se encarrega de operar a transição entre duas formas contrastantes de ação, ambas porém assinaladas pelo mesmo traço definidor: a maneira por que não obedecem ao comando de uma vontade rigorosamente ‘individual’ – seja por submeter inconsideradamente o mundo exterior a seus próprios anelos e imperativos, seja por submeter-se incondicionalmente aos dele.

Já nos referimos repetidas vezes à maneira amiúde estouvada e irrefletida, à confiança magnânima e pródiga com que Wilhelm Meister costumava dar livre curso às suas inclinações inatas e delas tornar partícipes quantos entrassem em seu raio de ação. Nisto se acusa, manifestamente, aquela espécie de individualismo exacerbado, o qual se notabiliza não pela tendência de fechar-se ao mundo exterior e enclausurar-se em si mesmo, mas antes de abrir-se demasiado ao seu influxo e tomá-lo como uma extensão de si mesmo. A vontade individual toma sem dúvida parte nisso, de maneira até mesmo impetuosa e às vezes sôfrega, mas não lhe acontece quase nunca precisar refrear-se e limitar-se, nem capacitar-se do verdadeiro alcance de suas possibilidades para empreender uma ação e arrostar as suas consequências.

Quando Jarno incumbe Wilhelm de sua missão – tirar, por meio de um embuste, a chorosa e histérica Lydie de perto do convalescente Lothario –, Wilhelm reagirá com a nítida consciência do que representaria este ato na economia moral e

<sup>12</sup> Os versos originais alemães empregam dois vocábulos para distinguir aquilo que a tradutora optou por verter indistintamente por ‘aspiração’. Para aquela ‘aspiração obscura que confusamente anima o homem’, Goethe utiliza o termo ‘Drang’ [*Ein guter Mensch in seinem dunklen Drange*], conferindo-lhe conotação mais difusa, informe e elementar. Para aquela outra aspiração, que ‘induz o homem a erro tão logo a acalente’, Goethe utiliza o verbo *streben* [*Es irrt der Mensch, solang’ er strebt*], dotando-lhe com isso de um sentido mais consciente e deliberado.

no regime existencial que até aí governara os seus atos: “E por que haveria eu de servir de instrumento para tal fim? *É a primeira vez em minha vida* que engano alguém dessa maneira, pois sempre acreditei que se pudesse chegar muito mais longe se começamos a enganar em favor do bom e do útil” (Goethe 2009: 421, grifo meu). Mas apesar do ineditismo da situação e a surpresa que lhe depara, Wilhelm não se detém muito em considerações e põe rapidamente de lado os seus escrúpulos e recalitrâncias, provando estar pronto para assumir o papel que historicamente impeliu os outros a desempenhar e a ‘esquecer-se de bom grado de si mesmo’, em nome ‘do respeito que Jarno agora lhe inspira, da *inclinação* que sente pelo ‘excelente’ Lothario e o vivo desejo de contribuir com sua cura:

Não basta poder arriscar a própria vida por um amigo; é preciso também, em caso de necessidade, abjurar por ele de nossa convicção. Por ele devemos sacrificar nossa mais cara paixão, nossos melhores desejos. Aceito a missão, embora já preveja o tormento que as lágrimas de Lydie e seu desespero me farão sofrer. (Goethe 2009: 422).

Não se trata apenas da primeira vez que Meister engana alguém dessa maneira; bem mais que isso, é a primeira vez que sua ação não corre pressurosamente no encaixe de suas inclinações inatas, ou pelo menos que estas inclinações não agem de concerto com suas ‘intenções nobres e sinceras’ e seus mais caros desejos e convicções; porque embora com o sacrifício destes desejos e convicções, é o mesmo velho Meister que outra vez se abandona, com seu costumeiro e indefectível ardor e arrebatamento, ao império de suas inclinações, se bem que aqui para a realização não de seus próprios projetos e anelos, mas os de um terceiro.

Tal inversão de papéis e sinais não deixa de atingir logo o mais pleno efeito; e se em certa altura de sua trajetória, Wilhelm Meister deu-se conta de que o destino corroborava este modo de proceder em que inclinações e desejos agiam de comum acordo, ‘satisfazendo todos os seus desejos e tudo quanto outrora elaborara e concebera, por pura obra do acaso e sem qualquer colaboração de sua parte’; agora, o que Wilhelm vai obter por sua abnegação e o sacrifício de seus desejos e convicções – embora não de suas inclinações! – é algo ainda bem mais valioso: não a realização dos desejos e projetos suscitados por suas inclinações, pois estes foram postos de lado, mas a revelação do conteúdo mais íntimo e verdadeiro das inclinações *elas próprias*, antes mesmo que possam ter alguma correspondência em projetos e desejos:

Estava em jogo a saúde, a vida de um homem [Lothario], a quem tenho na mais alta estima, mais que todos os outros que já conheci. Oh, e que homem é, senhorita [Therese], e que homens o cercam! Em sua companhia, bem posso dizê-lo, tive pela primeira vez uma conversa, *pela primeira vez o verdadeiro sentido de minhas palavras, mais rico, mais completo e com maior amplitude, veio a meu encontro pelos lábios de um estranho; tornou-se claro para mim o que eu pressentia, e aprendi a contemplar o que pensava.* (Goethe 2009: 425, grifo meu).



Para as premissas que este artigo se propõe avançar, é importante que se atente para a relação a um só tempo de continuidade e superação que contraem estes dois momentos da trajetória de Wilhelm: a *polaridade* entre as inclinações inatas e os desejos que as secundam sucede aqui àquela unificação, com que antes se ligaram de modo tão estreito, que o destino achou por bem tomar a realização de tais desejos aos seus cuidados e levá-los a bom termo à revelia deles próprios; ao mesmo tempo, esta polaridade conduz a uma inequívoca *intensificação* daquela mesma unidade, elevando a um novo patamar a sintonia das inclinações inatas de Wilhelm com o mundo exterior. Não mais, porém, pelo aval de um destino que parece particularmente obsequioso e empenhado em realizar os projetos e desejos de seu 'preferido', mas sim pelo 'juízo de um mestre humano' que, enquanto desvela para Meister o verdadeiro teor de suas inclinações inatas, não se ocupa senão de si mesmo.

Com base nas considerações mais atrás esboçadas, pensamos ter ficado claro como uma e outra possibilidade – a de 'unir o bastante para poder separar', e de 'separar o bastante para poder logo reunir' – baseiam-se ambas na mesma relutância de Wilhelm Meister de limitar sua ação a um princípio de identidade rigorosa e exclusivamente individual, de tal modo que se pudesse afirmar que age por algo assim como uma 'vontade própria'. Apenas a extrapolação sobranceira e supra-individual deste princípio de identidade, nos tempos de sua aventura teatral, ou a anulação peremptória e intransigente dele quando de seu contato com Lothario – e em verdade apenas a articulação sucessiva e solidária de ambos – dá margem a que se reproduza e atualize, no âmbito do percurso formativo individual, os 'dois grandes impulsos' que Goethe faz presidir à atuação criadora da natureza.

Mas não é apenas o fato de que Wilhelm precise se prestar a um gesto reprovável para com uma inocente, o que parece lançar uma sombra de suspeita sobre esta experiência tão ditosa de identificação com o mundo exterior que lhe sucede como recompensa à sua renúncia e abnegação; nem é tampouco apenas a conduta em hipótese nenhuma irrepreensível de Lothario, cuja volubilidade enredou em disputa ou rivalidade nada menos que três mulheres diferentes, naquele único episódio que acarretou seu ferimento e a necessidade de afastar Lydie de seu entorno<sup>13</sup>. Desta improvável, e sem dúvida nenhuma premeditada, combinação das virtudes mais excelsas e do caráter aparentemente o mais frívolo, da qual toma

<sup>13</sup> Tal volubilidade não deixou de ser objeto de escândalo para muitos dos críticos da obra: "Lothario não mostra realmente ter escrúpulos na escolha dos meios para atingir interesses pessoais. Suas diversas relações amorosas o evidenciam de sobra: seu descaso para com os sentimentos das mulheres, cujo amor ele persegue para em seguida abandoná-las, quando não mais o apetece". "*Lothario ist in der Wahl der Mittel zur Durchsetzung persönlicher Belange recht skrupellos. Seine verschiedenen Liebesverhältnisse verdeutlichen das recht gut. Was fragt er schon nach den Gefühlen der Frauen, um deren Liebe er sich bemüht und von denen er sich wieder abwendet, wenn er ihrer überdrüssig ist.*" (Hahn 1978: 157). E não apenas no que respeita às ligações amorosas: "(...) as discussões de Lothario não deixam margem a qualquer outra interpretação, senão a de que os motivos de suas ações se diferenciam, no melhor dos casos, apenas gradualmente, e não por princípio daqueles de Werner", "aquele mais antigo dos burgueses encontrado na literatura de língua alemã, para o qual tudo, inclusive seus filhos e amigos, converte-se em objeto de lucro". "(...) *die Erörterungen Lotharios lassen jedoch keine andere Deutung zu als die, daß die Motive seines Handelns sich von denen Werners*" – "*jener älteste Burgeois, der in der deutschsprachigen Literatur begegnet, dem alles, auch seine Kinder und der Freund, zu Gewinn-Objekten wird*" – *bestenfalls graduell, nicht aber prinzipiell unterscheiden.*" (Hahn 1978: 158).

diretamente seu ensejo a sublime 'experiência de identificação' de Wilhelm, não é possível senão depreender a operacionalização ficcional daquele princípio religioso de Goethe, do qual já nos ocupamos alhures:

(...) a lei divina da existência de todo ser, que é uma lei de contradição. A necessidade da salvação nasceu do modo de criação de Deus desde o início primordial, não foi primeiro produzida por suas criaturas. A conduta amoral é apenas o primeiro plano da pergunta pela salvação. Com a moral não se pode sondar o fundamento do mundo, a sonda é demasiado curta. (Wachsmuth 1966: 121).<sup>14</sup>

Para além do caráter moral duvidoso desta 'missão', em nome da qual Wilhelm pela primeira vez na vida se dispõe a sacrificar suas convicções e desejos, se impõe com premência ainda maior a fragilidade deste mesmo gesto de sacrifício; pois nem bem vislumbrou Wilhelm a possibilidade de reencontrar a 'misteriosa amazona' (Natalie) na pessoa a quem devia conduzir Lydie (Therese), e os escrúpulos que até aí lhe pesaram na consciência se viram imediatamente dissipados, passando Wilhelm a "considerar a missão que lhe havia sido confiada como uma obra de um destino evidente, e o pensamento de que estava a ponto de afastar ardilosamente uma pobre jovem do objeto de seu mais sincero e impetuoso amor não lhe aparecia senão de passagem (...)" (Goethe 2009: 422, grifo meu).

No conjunto da obra e de sua economia dramática, há razões bem justificadas para que a 'mão do destino' reapareça precisamente neste ponto, a fim de reassumir os seus plenos direitos sobre Wilhelm e fazer pouco de sua capacidade de sacrifício e abnegação. A maneira como a figura de Natalie fora introduzida na narrativa, salvando a vida de Wilhelm num momento de total desamparo para dela outra vez desaparecer deixando apenas poucos e incertos rastros, reúne em si todos os requisitos para a personificação da ideia de um destino inequivocamente benfeitor, não obstante renitentemente alojado numa esfera limítrofe entre a realidade e o sonho, o fato e o símbolo. Donde Wilhelm alcunhar Natalie o seu 'gênio tutelar'.

Trazendo irresistivelmente à tona a primitiva disposição wilhelmiana de acreditar sob os cuidados do destino a realização dos desejos e projetos mais profundamente arraigados em suas tendências inatas, a expectativa de reencontrar Natalie fá-lo agora, porém, de modo a subtrair ao mesmo tempo a estes desejos e projetos quanto neles possa haver de estritamente pessoal, de concebível e detectável, senão mesmo de realizável, projetando-os doravante na esfera do desconhecido, do imponderável e do iminentemente impossível. Daí em diante, tudo quanto encontre lugar no decorrer da obra achar-se-á sob o signo da luta mais implacável (e tanto mais implacável quanto se desenrola nos bastidores e no limiar da consciência) entre este desejo impossível por Natalie - espécie de hipostasia das inclinações inatas em secreta concordância com o destino - e um outro desejo mais consciente e ponderado, depurado no cadinho do sacrifício e da abnegação, e não apenas tornado

<sup>14</sup> "das göttliche Daseinsgesetz aller Wesen, das ein Gesetz des Widerspruchs ist. Die Notwendigkeit der Erlösung ist von Urbeginn aus Gottes Schöpfungsweise entsprungen, nicht erst von seinen Geschöpfen verursacht. Das nichtsittliche Verhalten ist nur der Vordergrund der Erlösungsfrage. Mas kann mit dem Sittlichen nicht bis in den Weltgrund loten, die Schnur ist zu kurz".

possível e altamente 'recomendável' para Wilhelm, como *personificado* na figura de Therese e na perspectiva de unir-se a ela em casamento.

O papel profundamente ambíguo que, na condição de 'sucedâneo do destino', desempenha nesta luta a Sociedade da Torre – capaz de levar Wilhelm Meister às raias do desespero – sintetiza e explicita, em larga medida, o sentido desta luta, na medida em que se lhe possa atribuir algum. Com efeito, o ingresso de Wilhelm nesta Sociedade esteve desde sempre ligado à necessidade 'dos desejos incondicionais determinarem limites a si mesmos' (Goethe 2009: 525), de 'renunciarmos de bom grado a toda falsa atividade para a qual nos atrai a fantasia' (Goethe 2009: 526), e muitas outras coisas do mesmo jaez.

Acontece que é exatamente por ocasião de sua admissão solene e oficial à Sociedade – na qual 'só eram absolvidos segundo o seu método' "aqueles que sentiam vivamente e reconheciam com clareza para que haviam nascido, e se haviam exercitado o bastante para prosseguir seu caminho com certa alegria e facilidade" (Goethe 2009: 522) – que Wilhelm sentiu o seu desnortamento e perplexidade se elevarem ao cúmulo, na exata medida em que justamente agora lhe parecia pela primeira vez na vida proceder com tino e judiciosidade, 'juntando-se aos homens cujo contato haveria de conduzi-lo, em todos os sentidos, a uma pura e sólida atividade' (Goethe 2009: 467): "Pois comigo os senhores tiveram muita pressa – replicou Wilhelm [à explanação de Jarno sobre as 'condições de absolvição' vigentes na Torre] –, pois exatamente a partir daquele momento é que passei a saber bem menos do que posso, quero e devo" (Goethe 2009: 522).

O aturdimento de Meister tem causa certa e conhecida. O casamento com Therese o colocava na posição não pouco invejável de desposar a mulher à qual o próprio Lothario tinha por modelo feminino e não se ligara unicamente por um 'capricho do destino', e embora o próprio Jarno a tivesse gabado como 'uma verdadeira amazona' – em comparação com a qual Natalie não passaria de uma 'amável hermafrodita' – este mesmo Jarno é quem aparece agora para desfazer as esperanças de Wilhelm nesta união já consentida por Therese. Tendo deixado pra trás os dois extremos contraditórios da ação que açambarca o mundo exterior na própria vontade individual ou que renuncia completamente a ela em favor de um indivíduo excepcional, Wilhelm Meister demonstra ter perfeita consciência do que representa para ele 'uma decisão que tenha partido inteiramente de si', e a tal ponto estava cioso disso que escondeu cautelosamente esta decisão de seus 'guardiães e vigias' da Torre:

– Outrora, quando vivia despreocupadamente, ou melhor, desatinadamente, sem planos nem objetivos, recebiam-me de braços abertos, chegando mesmo a me importunar, amizade, amor, inclinação e confiança; agora, quando o assunto se torna sério, o destino parece adotar comigo um rumo diferente. A decisão de oferecer a Therese minha mão é talvez a primeira que tenha partido inteiramente de mim. Com ponderação fiz meu plano, minha razão manteve-se plenamente em harmonia com ele e, com o assentimento dessa excelente jovem, todas as minhas esperanças foram satisfeitas. Agora, a mais estranha sina desencoraja minha mão estendida. (Goethe 2009: 508).



A inesperada remoção do obstáculo que até aí se presumira impedir o casamento de Lothario e Therese tem o condão de frustrar e desmentir toda a circunspeção e o bom aviso de Wilhelm, contradizendo a direção que sua vida assumira sob o influxo e auspício deste mesmo homem e seu círculo, e convertendo este último aos olhos de Wilhelm em 'asseclas' de Lothario e a atuação da Torre em 'misteriosos poderes que realizam conosco e em nós não se sabe que estranhos objetivos'. Se Wilhelm não estivesse nesse momento por demais agastado para se lembrar da cerimônia que selou sua admissão (ou 'absolvição') à Torre, talvez não lhe parecessem tão estranhos estes objetivos; pois é ali que se faz ouvir a sentença que vale por uma senha para o estranho modo de proceder que observa esta Sociedade, e a cuja ambiguidade nos referimos há pouco:

Não é obrigação do educador de homens preservá-los do erro, mas sim orientar o errado; e mais, a sabedoria dos mestres está em deixar que o errado sorva de taças repletas de seu erro. Quem só saboreia parcamente seu erro, nele se mantém por muito tempo, alegra-se dele como de uma felicidade rara; mas quem o esgota por completo, deve reconhecê-lo como erro... (Goethe 2009: 470-71)

Essa sentença está claramente orientada para os 'anos de formação', aquele período de vida 'despreocupada' e 'desatinada' em que a auto-indulgência de Wilhelm Meister foi de fato sorvida de taças repletas e lhe parecia ainda assim plenamente corroborada pelo destino, até chegar o momento de, vendo tudo ir a pique, não lhe restar muito mais que 'reconhecer o seu erro como erro' e dá-lo por 'completamente esgotado'. Mas o que dizer da sua decisão diligentemente ponderada e pela primeira vez devidamente assistida pela razão?

Wilhelm não se enganara ao tomar todas as precauções para que ela não chegasse ao conhecimento dos amigos da Torre, a fim de que 'seu destino fosse inteiramente devedor da resolução que Therese viesse a tomar'. É a mesma benevolência que o destino esbanjou para com seus erros o que agora prodigaliza a consciência que Wilhelm tem deles, a percepção de ter esgotado sua cota de erros e a enorme suscetibilidade que, por conseguinte, sua decisão lhe parece oferecer à atuação de um destino adverso. Não é de se admirar que, justamente no momento em que se cerque de tantos cuidados e escrúpulos, Lothario lhe surja, plenamente restabelecido de sua enfermidade, com "a aparência de um homem que sabe o que deve fazer e a quem nada há de lhe estorvar o caminho quanto àquilo que pretende fazer". (Goethe 2009: 483).

Que um tal destino adverso se lhe apresente agora pelas mãos deste mesmo homem a quem Meister julgou sumamente digno de sua total abnegação e renúncia, trata-se do recurso dramático extremo que Goethe subministra à narrativa para pôr em litígio e levar ao paroxismo a confiança e a desconfiança de seu herói, a sua fidelidade à direção tomada por suas inclinações inatas com o penhor do destino, ou àquela devida à sua plena e irrenunciável autonomia individual. Não se mostrara Lothario de conduta leviana e equívoca justamente no tocante ao amor das mulheres, e não lhe servira ele mesmo, por outro lado, de exemplo à atividade resoluta e ânimo

firme e constante, para que Wilhelm fosse agora renunciar não mais às suas convicções em favor da saúde e da vida de Lothario, mas à sua própria felicidade em favor da felicidade de um indivíduo a quem a vida já dotara tão copiosamente delas? Neste estado de ânimo e impasse se encontrava Wilhelm, quando um chamado da mulher que ele julga ser a Condessa<sup>15</sup> vem encher todas as medidas de seu desespero, arrancando-lhe a mais patética das imprecações contra a condição humana e a ilusão de pretender dirigi-la e conservá-la:

“Oh!”, exclamou, “quem sabe as provas que ainda me aguardam; quem sabe quanto ainda me atormentarão os erros passados, quantas vezes mais fracassarão os bons e razoáveis projetos para o futuro; guarde-me no entanto este tesouro [o filho Felix] que enfim me pertence, *piadoso ou impiedoso destino*. Seria possível que esta melhor parte de mim mesmo venha a ser destruída diante de meus olhos, que este coração venha a ser arrancado do meu coração? Adeus, pois, razão e inteligência! Adeus, todo cuidado e toda cautela! Desaparece, instinto de preservação! Que se perca tudo que nos distingue do animal, e se é defeso por voluntariamente fim aos tristes dias, que uma precoce loucura suprima a consciência, antes que a morte, que a destrói para sempre, traga a longa noite!”. (Goethe 2009: 486, grifo meu).

Não é absolutamente por acaso que a descoberta de se encontrar outra vez na pista de Natalie seja precedida pelo mais excruciante desespero com as prováveis consequências de sua passada frivolidade no episódio da Condessa; tendo-se mostrado tão pródigo para com os erros de sua arrebatada mocidade, por que razão haveria agora o destino de poupá-lo às consequências desses erros, ante a primeira (e já deveras postergada) tentativa de conduzir a vida com tino e acerto? Em realidade, foi a mesmíssima inconstância e inconsequência – ora heroica, ora leviana – de sua natureza que o arrojou nos braços tanto de Natalie quanto da Condessa, como moribundo a perigo uma vez ou como Don Juan furtivo na outra.

Por sob a aparência de um credor implacável pronto a exorbitar dívidas estouvadamente contraídas, eis que o destino embaralha agora os desdobramentos destes dois episódios de juventude, servindo-se do recrudescimento de um para melhor manter o anonimato do outro. Enquanto sua imaginação lhe pinta com as tintas mais sinistras o seu reencontro com a Condessa, convencendo Wilhelm a desistir de seguir viagem, “seus olhos pousaram desatentos sobre o bilhete (...)” (Goethe 2009: 487) que supunha escrito pela Condessa, nele surpreendendo a caligrafia já conhecida de Natalie: “Estranho que o temor de ouvir falar de uma irmã tenha podido esconder-me por completo a existência de outra!”<sup>16</sup> (Goethe 2009:487).

<sup>15</sup> Mignon havia sido enviada aos cuidados ‘da irmã de Lothario’, e até esse momento Wilhelm não tinha ciência de que, além da Condessa, Lothario tivesse ainda outra irmã. Quando Wilhelm recebe o chamado dessa irmã, posto que o estado de Mignon apresentasse sensível piora, pensa estar indo ao encontro da Condessa, quando quem o aguarda é na verdade Natalie.

<sup>16</sup> No segundo livro da tetralogia *José e seus irmãos*, Thomas Mann oferece uma interpretação mais engenhosa e exaustiva desse ‘expediente’ por meio do qual o destino se furta inexoravelmente à capacidade preditiva humana: “Calculava [Jacó] a possibilidade de um malogro da missão de José ao

Nisso se dá a perceber como os métodos da Sociedade da Torre estão em consonância com aqueles postos em curso pelo destino, que não consente que Wilhelm alcance o objeto de seus mais persistentes e impalpáveis anéis sem antes 'sorver de taças repletas os seus erros e esgotá-los por completo'. A simultaneidade e incerteza com que o destino parece comprazer-se até a volúpia em prolongar indefinidamente a confusão entre a ventura mais sublime e a desdita mais acerba, se por um lado parece endossar certas representações tradicionais de um destino caprichoso e uma fortuna perversa e inconstante, tem nesse caso o condão de amplificar ao máximo em Wilhelm o sentimento de uma 'sorte imerecida': aquela que lhe parece talhada para satisfazer as 'tendências inatas de seu coração', ao mesmo tempo as mais arraigadas e as mais peregrinas, a 'esperança tácita' que de tão familiar e espontânea não se distingue muito bem da ilusão e não se reconhece no objeto dos seus desvelos quando este finalmente se lhe depara – tal como Wilhelm se apercebeu certa vez com assombro, ao acreditar verem-se realizadas estas esperanças: “Que coisa mais estranha! Não me parece haver nada mais familiar ao homem que as ilusões e esperanças que há tanto tempo ele nutre e guarda em seu coração, e no entanto, quando finalmente elas se realizam, quando elas, por assim dizer, se impõem a ele, não as reconhece e recua ante elas” (Goethe 2009: 272).

Esta sorte imerecida atende, ao chamado surdo e instantâneo de Wilhelm, pelo nome de Natalie. Nem bem chegado à casa desta e desfeito o mal-entendido a respeito da identidade das duas irmãs, todos os acontecimentos relevantes da vida progressiva de Wilhelm se precipitam e desencadeiam num ritmo vertiginoso e não menos que feérico<sup>17</sup>; a sucessão turbilhonante dos acontecimentos – somada ao procedimento enigmático com que a Torre é suspeita de interferir no seu curso – impõe-lhes uma aparência volátil, privando-lhes de toda consistência fiável e da credibilidade que lhes poderia tocar em sorte como penhor de uma antecedente conduta honrada e de sentimentos piedosos: “Temo que estejamos todos enganados, e tão enganados que não consigamos aclarar jamais as coisas. (...) O tempo mostrará se as mais belas relações não vão alterar-se, corromper-se e abalar-se de tal modo que, mesmo quando tudo ficar esclarecido, já não será de nenhuma ajuda” (Goethe 2009: 511).

A estas ponderações suspeitosas com que Therese forceja por assegurar sua união com Wilhelm – pondo-a a salvo da voragem dos acontecimentos precipitados

---

pensar que este podia voltar sem os irmãos. O terrível caso oposto não lhe entrava na imaginação: o destino o excluía por segurança própria. Visto que tudo acontece diferentemente do que se havia imaginado, o destino é estorvado pelos pensamentos medrosamente precorrentes do homem, que se parecem com um esconjuro. Por isso ele paralisa a força providente da imaginação, de modo que esta pensa em tudo, menos no destino, o qual dessa forma evita o desvio por intermédio dos pensamentos imaginativos e conserva toda a sua natureza primordial, toda a sua formidável força percussora.” (Mann 2000: 503).

<sup>17</sup> A morte de Mignon, a chegada do Harpista (Augustin) parcialmente restabelecido, a chegada do Marquês e a descoberta, por seu intermédio, da enigmática origem de Mignon e do Harpista: ela o produto de um relação incestuosa (embora ignorada como tal) de Augustin, entregue aos cuidados de um irmão deste a fim de ocultar o escândalo daquela relação e posteriormente sequestrada das mãos deste irmão – o próprio Marquês – por conseguinte tio e pai adotivo de Mignon; a morte iminente (depois desmentida) de Félix, suspeito de ingerir o veneno que Augustin trazia à sua cabeceira, e o suicídio deste último em consequência da suspeita e a suposta confirmação de seu fado ominoso...



pela duvidosa remoção do obstáculo que até então impedira Lothario de desposá-la – , Natalie vai contrapor o direito e as prerrogativas do *irreparável*, cujo dever de não precipitar consiste, ‘neste estranho emaranhado’, em sua única convicção. Este ‘irreparável’ não constitui todavia para ela no objeto de uma resignação imperiosa e compungida, mas antes de uma confiança serena e constante na boa-fortuna que deve acompanhar o homem a quem reputa ter-lhe sido possível sentir “que no mundo pode haver alegria, amor e um sentimento que nos satisfaz acima de toda necessidade” (Goethe 2009: 511) – o irmão Lothario; o mesmo cuja lembrança ameaça ser banida dos corações de Wilhelm e Therese ‘pela dor e a inclinação’. E não deixa de ser significativo como Meister, contrariamente à sua contumaz predileção, dessa vez não faça ao destino as honras por se sentir desse modo chamado à razão, mas antes ‘a Deus e a meu bom espírito’, aos quais agradece ‘por me guiarem dessa vez, e decerto também à senhora’.

Com isso pensamos tocar no ponto em que a concepção de destino arrolada no *Wilhelm Meister* atinge o seu ponto culminante. A despeito de sua inclinação – notoriamente recíproca – por Wilhelm, Natalie se comporta de maneira perfeitamente abnegada perante a união deste com a amiga Therese, limitando seu papel mediador e moderador à defesa do interesse do irmão, ou antes do amor (e por amor) deste. Tal qual assoma das ‘confissões’ de sua tia (a ‘Bela Alma’) e de seu próprio relato a Wilhelm, a abnegação constitui, aliás, o cerne de seu ser e a base de sua personalidade. Nesse sentido, o *irreparável* parece mesmo consistir no seu elemento preferencial e eletivo, muito embora um irreparável animado pelo mais puro zelo ativo devotado ao amor pelo próximo.

Nesta aparente contradição do caráter de Natalie Goethe fará repousar o contraste destas duas mulheres entre as quais o destino de Wilhelm oscila até o último instante, cifrando neste contraste a sua derradeira palavra a respeito do dilema existencial que perpassa toda a obra. Com efeito, as ‘necessidades do ser humano’ – que Natalie afirma serem responsáveis desde a sua infância pelas impressões mais vivas de que se recorda e pelo desejo invencível de compensá-las –, estas necessidades coincidem aos seus olhos de perita com ‘aquilo que as pessoas deveriam ser’, e não com o que são. E este ‘aquilo que deveriam ser’ não tem, por sua vez, nada que ver com um ideal abstrato projetado nelas, mas muito pelo contrário, com as suas tendências inatas e suas inclinações mais íntimas e irrenunciáveis, o ‘desejo tácito de exercer um ofício’, o ‘impulso para um talento’ e as ‘disposições para centenas de pequenas capacidades necessárias’; tudo aquilo, enfim, a que também no caso de Natalie, ‘a natureza parecia haver destinado meu olhar para descobrir’ e ‘para o qual ninguém me havia chamado a atenção’. (Goethe 2009: 501).

É, portanto, a esta coincidência entre o *irreparável* (as tendências inatas da natureza individual) e o *necessário* que Natalie deve a sua capacidade de ‘formar as suas pupilas’, ao passo que Therese está apta apenas a ‘adestrá-las’. Em lugar de tratar as pessoas como deveriam ser e desse modo levá-las para onde devem, Therese tem apenas ‘a inteligência, a ordem e disciplina’ por objeto; no lugar da ‘fé, amor e esperança’ de Natalie, tem ela ‘inteligência, obstinação e confiança’.

Mas as qualidades insuperáveis de Natalie não são apenas o produto de uma natureza particularmente afortunada e invulgarmente agraciada pelo destino; elas são, ao mesmo tempo, e segundo seu próprio testemunho, o mais bem-sucedido

resultado dos métodos educacionais do Abade (e por extensão da Sociedade da Torre), dentre os quatro irmãos cuja educação o 'Tio' da 'Bela Alma' confiou aos cuidados deste. E é precisamente nisto, no exemplo de Natalie, que se deve reconhecer a concepção de educação (ou de formação individual) que esta obra harmoniza de maneira tão singular com a atuação e os desígnios do destino.

Pois da maneira como se reconheceu destinada por natureza a descobrir as mais indeclináveis necessidades individuais, sem que a ninguém fosse preciso lhe chamar a atenção para elas, Natalie "*parecia haver nascido também apenas para ver*"; era, ademais, esta maneira de ver...

*em mim totalmente natural, desprovida de qualquer reflexão, e foi a responsável pelas coisas mais bizarras do mundo que fiz quando pequena, levando mais de uma vez as pessoas ao constrangimento com as mais extravagantes proposições. (...) Só o abade parecia compreender-me; era sempre condescendente comigo, fazia-me tomar consciência de mim mesma, de meus sonhos e de minhas inclinações, ensinando-me a satisfazê-los apropriadamente. (Goethe 2009: 501, grifo meu).*

Nesta maneira de proceder do abade não se encontra, por ventura, a mais categórica reiteração desta primazia das inclinações inatas, tal como Wilhelm também a professou ao longo de seu percurso formativo, convertido aqui num estranho método pedagógico que parece ter muito pouco de educativo, na medida em que vai ao encontro e procura satisfazer (se bem que 'apropriadamente') os 'sonhos e inclinações totalmente naturais', da mesma forma por que o destino parece corroborar o indivíduo em suas aspirações mais pertinazes?

Mas também não é verdade que este mesmo método pedagógico, em sua formulação mais cabal, esteja orientado para 'esgotar por completo o erro para que enfim se lhe reconheça como erro'? Neste caso, o êxito pedagógico do abade com Natalie e a apoteose do princípio da satisfação apropriada das inclinações inatas teriam de conduzir a uma superação deste mesmo princípio, que ao mesmo tempo não representasse um desmentido dele, tanto quanto a sua correta consagração. Algo que permita passar, sem solução de continuidade, da necessidade imperiosa e irrenunciável das inclinações inatas - à qual é preciso *haver nascido apenas para ver* - para a 'arbitrariedade de nossa natureza' e o 'vazio que parece sempre restar nela', aos quais faz-se mister prestar socorro incontinente e ministrar conselhos imediatos, sob pena de jamais chegar a fazê-lo.

É exatamente o que se dará com Natalie; uma vez que se apresentasse ela própria como a mais rematada das beneficiárias do procedimento pedagógico do abade, Wilhelm lhe pergunta se ela também adota...

*(...) na educação de seu pequeno mundo feminino os princípios desses homens singulares? Deixa portanto cada natureza formar-se por si própria? Deixa também que as pessoas à sua volta procurem e se enganem, cometam erros, alcancem felizmente suas metas ou se percam desafortunadamente em equívocos? (Goethe 2009: 501).*

Ao que Natalie se sai com a surpreendente resposta na qual opera a transição, tão suave e insensível quanto o permite o intercâmbio entre dois extremos opostos (e em que seu próprio ser parece encontrar sua perfeita expressão) – da *necessidade absoluta da natureza* para a *necessidade inexorável da lei*:

– Não! – disse Natalie. – Esse modo de agir com as pessoas viria totalmente de encontro aos meus sentimentos. Quem prontamente não socorre, parece-me jamais socorrer; quem não dá conselhos imediatos jamais aconselhará. Assim como também me parece absolutamente necessário formular e inculcar às crianças certas leis que deem à sua vida certo amparo. Sim, quase poderia afirmar que é melhor equivocar-se segundo as regras que se equivocar quando a arbitrariedade de nossa natureza nos deixa à deriva, e, tal como vejo os homens, parece-me sempre restar em sua natureza um vazio que só uma lei categoricamente formulada pode preencher. (Goethe 2009: 500-1).

Não nos deixemos, porém, enganar com a retórica superlativa decantada nestes ‘absolutamente necessário’ e ‘leis categoricamente formuladas’; pois a única certeza que nisso tudo se apresenta é a de se estar fadado a equivocar-se, não podendo a suposta preferência do ‘equivoco segundo as regras’ sobre o ‘equivoco segundo a natureza’ avançar muito além de um tímido ‘quase’... Mas é justamente neste ‘quase’, de aparência tão insignificante, que repousa toda a superioridade do caráter de Natalie e sua primazia sobre Therese; pois a prerrogativa e o apanágio daqueles que puderam satisfazer apropriadamente às necessidades de sua natureza e que esgotaram por completo a taça do erro, outros não são senão reconhecer e poder secundar este lapso, pouco menos que imperceptível e sobremaneira equivoco, no qual a necessidade da natureza se transmuda em arbitrariedade, e o autêntico e justo objeto de sua satisfação passa a dar abrigo a um ‘vazio’ que ela em vão se esforçará por suprir e aplacar.

Talvez a opção entre duas modalidades de equivoco – segundo as regras ou a natureza – não possa mesmo oferecer subsídios para muito mais que uma ‘quase convicção’. Para Goethe, a quem os ‘desígnios da Divindade’ impunham a lembrança de encerrar-se, mau grado seu, em seu próprio eu e de ao mesmo tempo desprender-se dele mediante uma atividade regular, este ‘quase’ simboliza menos o ensejo de uma dúvida paralisante do que o espaço de comércio e do acordo, inelutavelmente precário, entre as duas exigências polares da limitação e do incondicionado, às quais o próprio modo de criação divino está submetido, e que por seu intermédio estabelece para todo ser, enquanto lei divina de sua existência, uma ‘lei de contradição’.

Neste espaço exíguo pôde Wilhelm Meister, em todo caso, encontrar uma felicidade absolutamente imerecida e que não estaria disposto a trocar nem por todo um reino; e posto se mostrasse inclinado a considerar o seu passado indigno da felicidade que o futuro agora lhe descortinara, o ‘pícaro louro’ Friedrich correu prontamente para desautorizar-lhe esta apressada inferência, talvez ainda a tempo de lhe recordar a profissão de fé do próprio Wilhelm na totalidade unitária da



existência, com sua dupla exigência de por um lado 'colocar-se em harmonia com o destino', e por outro não sacrificar a esta harmonia senão o bastante para não precisar 'rejeitar toda sua vida anterior'. No desempenho bem sucedido desta dupla exigência, Wilhelm fizera noutro passo – dessa vez sob o influxo da personalidade de Therese – cifrar a ideia de 'suprema felicidade' que a obra parece conceder ao ser humano, e que acabaria por se lhe tornar tangível na união com Natalie: “– Feliz, acima de tudo – exclamou –, aquele que, para se pôr em harmonia com o destino, não necessita rejeitar toda sua vida anterior!”. (Goethe 2009: 439).

Quanto ao que possa haver de aparentemente fortuito nesta bem sucedida reconciliação harmoniosa com o destino, seria preciso ainda (e finalmente) observar que a restrição dos atributos e prerrogativas da ação na decisão de um destino afortunado (da 'felicidade suprema') não entra aqui de inopino nem está a serviço de uma concepção disposta a fazer concessões demasiado generosas ao 'inconsciente', à 'predestinação' ou o que os valha; na economia das faculdades e incumbências humanas, a restrição imposta aos desígnios da ação talvez chegue a fazer jus a uma apreciação mais favorável quando se leve em conta a relação de absoluta polaridade e perfeita complementaridade, não menos que angustiosa em sua complexidade e em sua clareza cristalina, com que a *ação* se encontra no campo de luta da vida humana fadada a porfiar e barganhar a sua causa com a do *sentido*: “Poucos são os que tem o sentido e, ao mesmo tempo, são capazes de ação. O sentido se alarga, mas paralisa; a ação anima, mas limita”. (Goethe 2009: 522).

Que a elaboração e a solução literárias desse acachapante paradoxo chegue a merecer, de um ponto de vista realista um tanto ingênuo, a pecha da 'artificialidade e inessencialidade', chegando mesmo a arrancar num momento de exasperação a um crítico do *Wilhelm Meister* este grito de indignação – “Não, no convívio desses homens impera demasiada desnaturação [*Unnatur*], demais para que não nos seja preciso admitir que Goethe tenha realmente desejado aqui [no *Wilhelm Meister*] apontar para um mundo ideal”<sup>18</sup> (Hahn 1978: 158).– isto não chega a causar espécie; para o próprio Goethe, sem embargo, tratava-se antes de um 'sentimento inato da vida como *segunda natureza*'<sup>19</sup> (Graham 1988: 375), conquistado na esteira de seu 'talento poético inerente, o qual chegara a considerar inteiramente como *Natureza*'<sup>20</sup> (Graham 1988: 375).

Aquilo que, para a arte, há de resultar como tarefa deste 'sentimento inato da existência como segunda natureza', é todavia algo muito diferente do que os escrúpulos realistas e naturalistas poderiam esperar dele e parecem dispostos a lhe consentir; algo que pressupõe um conceito ampliado de realidade, tomado à 'realidade idealizada' dos antigos, e que não prescinde mesmo de uma 'ilusão de realidade superior', a ser criada por intermédio das aparências comuns; tal como aquela a que a pedagogia da Torre preparou Meister para descortinar e esposar, não sem antes fazê-lo esgotar por completo a taça do erro e desesperar inteiramente de seus pruridos de confundir as realidades 'comum' e 'superior', tanto quanto de rigidamente distingui-las:

<sup>18</sup> “Nein, im Zusammenleben dieser Menschen dominiert sehr viel Unnatur, zu viel, als daß man annehmen dürfte, Goethe hat hier wirklich eine Idealwelt zeichnen wollen.”.

<sup>19</sup> “sein angestammtes Lebensgefühl als zweite Natur zu legitimieren”.

<sup>20</sup> “Ich war dazu gelangt, das mir inwohnende dichterische Talent ganz als Natur zu betrachten (...)”.

A este “comum”, “real-acidental”, Goethe amiúde contrapõe a “realidade superior”, e ao passo que é “um falso esforço... conferir por tanto tempo realidade às aparências, até restar finalmente apenas uma realidade comum”, trata-se da “mais alta tarefa de qualquer arte”, “proporcionar a ilusão de uma realidade superior através das aparências”. O “real”, que ele celebra no exemplo da antiguidade, é para ele “um real idealizado”<sup>21</sup>. (Schadewalt 1963: 211).

### ASPECTS OF GOETHE'S SCIENCE AND RELIGION IN THE CONCEPTION OF DESTINY OF WILHELM MEISTER'S APPRENTICESHIP

**Abstract:** Inaugural and paradigmatic work of the *Bildungsroman*, *Wilhelm Meister's Apprenticeship* personifies, with insuperable foresight, the existential dilemma of the individual autonomy towards the belief in a benevolent destiny acting in secret consonance with the innate inclinations of the individual. This article intends to shed light on Goethe's scientific and religious assumptions that were present in the fictional elaboration of this dilemma, evidencing the narrative and symbolic expedients with which the German poet equates, in the course of the formation of his 'hero', devices linked to trust and distrust to the realization of fundamental human aspirations.

**Keywords:** Goethe; Bildungsroman; destination; polarity and intensification.

### REFERÊNCIAS

FONTANELLA, Marco. *Razão e sensibilidade*. In: *EntreClássicos Goethe* nº 5, São Paulo: Ed. Duetto, s.d., pp. 48-53.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto: Uma tragédia (primeira parte)*; trad. de Jenny Klabin Segall; apresentação, comentários e notas de Marcus Vinicius Mazzari; ilustrações de Eugène Delacroix. São Paulo: Ed. 34, 2004.

\_\_\_\_\_. *Memórias: Poesia e Verdade*; trad. de Leonel Vallandro. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1986.

\_\_\_\_\_. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*; trad. de Nicolino Simone Neto, posfácio de Georg Lukács, apresentação de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2009.

<sup>21</sup> “Diesem “Gemeinen”, “Zufällige-Wirklichen” stellt Goethe mehrfach die “höhere Wirklichkeit” gegenüber, und während es “ein falsches Bestreben...ist, den Schein so lange zu verwirklichen, bis endlich nur ein gemeines Wirkliche übrig bleibt”, ist es “die höchste Aufgabe einer jeden Kunst”, “durch den Schein die Täuschung einer höhere Wirklichkeit zu geben”. Das ‘Reale’, das er der Antike nachlobt, ist ihm “ein idealisiert Reales””.

\_\_\_\_\_. *Teoría de la Naturaleza*; estudio preliminar, traducción y notas de Diego Sánchez Meca. Madrid: Editorial Tecnos, 1997.

GRAHAM, Ilse. 'Im Gegenwärtigen Vergangnes' – Euphorions Ahnherr und der dämonische Geist von Goethes Genie. In: *Schauen und Glauben*; Berlin; New York: De Gruyter, 1988. S. 363-383.

HAHN, Karl-Heinz. *Adel und Bürgertum im Spiegel Goethescher Dichtungen zwischen 1790 und 1810 unter besonderer Berücksichtigung von "Wilhelm Meisters Lehrjahren"*; In: *Goethe-Jahrbuch*, Bd. 95. Weimar: 1978. S. 150 – 162.

MANN, Thomas. *José e seus irmãos, 1: As histórias de Jacó / O Jovem José*; trad. de Agenor Soares de Moura. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2000.

SAUDER, Gerhard, u. Karl Richter. *Vom Genie zum Dichter-Wissenschaftler - Goethes Auffassungen vom Dichter*; in: Gunter E. Grimm, Hg.: *Metamorphosen des Dichters. Das Rollenverständnis deutscher Schriftsteller vom Barok bis zur Gegenwart*. Frankfurt a. M.: 1992, S. 84-104.

SCHADEWALT, Wolfgang. *Goethes Begriff der Realität*. Vortrag auf der Hauptversammlung der Goethe-Gesellschaft in Weimar am 26. 05. 1956. In: W. Schadewalt: *Goethestudien. Natur u. Altertum*. Zürich; Stuttgart: 1963. S. 207-249.

WACHSMUTH, Andreas B. "Sich verselbsten" und "entselbstigen" – Goethes Alterformel für die rechte Lebensführung. In: *Geeinte Zwienatur – Aufsätze zu Goethes naturwissenschaftlichem Denken*. Weimar: Aufbau-Verlag Berlin und Weimar, 1966. S. 113-139.

---

ARTIGO RECEBIDO EM 30/11/2016 E APROVADO EM 25/01/2017